

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES, UM PROFESSOR COMPLETO

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES, A WELL-ROUNDED PROFESSOR

Carlos Ceia

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa

cfmceia@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8728-9761>

ABSTRACT

This study focuses on Alexandre Pinheiro Torres, a Portuguese professor and writer who associated with the leading authors of his time and corresponded with them. The article explores his extensive correspondence, now housed in the National Library of Portugal, with figures such as Jorge de Sena, José Cardoso Pires, and Eduardo Lourenço. These unpublished letters reveal their shared connections, his life as an exiled professor, and literary controversies, including the famous dispute with Vergílio Ferreira over *Rumor Branco*. Through the analysis of these previously unseen epistolary exchanges, the study portrays a well-rounded professor who lived intensely for literature, engaging with the Portuguese literary scene and deeply valuing the recognition of his peers.

Keywords: letters, writers, literature, Portugal, memory

RESUMO

Este estudo foca-se em Alexandre Pinheiro Torres, um professor e escritor português que conviveu com os principais escritores do seu tempo e com eles se correspondeu. O artigo explora a sua vasta correspondência, agora na Biblioteca Nacional de Portugal, com figuras como Jorge de Sena, José Cardoso Pires e Eduardo Lourenço. Estas cartas nunca publicadas revelam as suas cumplicidades, a

sua vida de professor exilado, as polémicas literárias, como a célebre contenda com Vergílio Ferreira sobre *Rumor Branco*. Através da análise destas trocas epistolares inéditas, mostra-se o que foi um professor completo, que viveu intensamente para a literatura, debatendo-se com o meio literário português e valorizando profundamente o reconhecimento dos seus pares.

Palavras-chave: cartas, escritores, literatura, Portugal, memória

Alexandre Pinheiro Torres (APT) pertence a uma elite académica que já não é deste tempo, contudo nada o afligia mais do que a marca que poderia não deixar a sua obra e acções, caso a história se esquecesse dele. Partilhava esta preocupação com vários escritores e académicos do seu tempo, que se apressa a distanciar-se de hoje, passados 24 anos sobre a sua morte em 1999. Sempre me confessou o medo de ser ou ficar esquecido, como se isso fosse essencial para dar sentido a tudo o que viveu. Eram assim muitos daqueles com quem privou no seu tempo. Sentia que me estava a passar a responsabilidade de tal não acontecer, no caso dele. Grande era e é essa responsabilidade, porque é grande o registo da sua vida.

A Biblioteca Nacional de Portugal, na direcção de Carlos Reis, adquiriu, após o falecimento de APT em 1999, parte do valioso espólio literário (sobretudo primeiras edições de livros portugueses do séc. XX quase todos autografados pelos seus autores e muitas cartas de escritores, académicos e editores) que APT deixou e que a sua Universidade de sempre rejeitara acolher. Deste espólio inédito, em guarda reservada na BN, encontram-se cartas nunca lidas nem conhecidas do público. Entre outros, destaco:

- Alexandre O'Neill
- Almeida Faria
- Alves Redol

- Batista Bastos
- Carlos de Oliveira
- Carlos Drummond de Andrade
- Eduardo Lourenço
- Eugénio de Andrade
- Eugénio Lisboa
- Fernando Namora
- Hélder Macedo
- Herberto Hélder
- Jacinto do Prado Coelho
- João de Melo
- João Décio
- Joaquim Namorado
- Jorge de Sena
- José Cardoso Pires
- José Gomes Ferreira
- José Saramago
- José-Augusto França
- Vitorino Magalhães Godinho
- Luís Pacheco
- Luís Rebelo de Sousa
- Luísa Dacosta
- Manuel Ferreira
- Mário Cláudio
- Mário Dionísio
- Mía Couto
- Natália Correia
- Urbano Tavares Rodrigues
- Vasco Graça Moura
- Vergílio Ferreira

APT tinha particular afeição aos dossiers onde guardava estas cartas de seus pares. Li algumas na época em que estava a fazer o meu doutoramento em Cardiff (1990-1993), tirando proveito do acesso directo a uma fonte viva de conhecimento da literatura portuguesa contemporânea, à qual se juntava o melhor ensino que se pode desejar: o Mestre a explicar-nos cada pormenor, cada história de cada escritor, cada polémica, cada aventura. Não tem preço a aprendizagem desses anos da minha vida privilegiada, sobretudo quando se tem um orientador de doutoramento que é ele mesmo uma memória vida da literatura.

Este breve estudo é a minha memória desse tempo, para homenagear um académico e um escritor completo, mas também para resgatar essa promessa de não deixar cair em esquecimento quem tanto me ensinou e quem tanto nos legou.

APT e Jorge de Sena escreviam-se um ao outro (sobretudo entre os anos de Cardiff e Santa Barbara, respectivamente) e estudavam-se um ao outro, com rigor e com a delonga necessária. Jorge de Sena apreciava muito o estudo de APT sobre a sua obra: *O Código Científico-Cosmogónico-Metafísico de Perseguição [1942] de Jorge de Sena* (1980), que lhe valera o Prémio de Ensaio Jorge de Sena de 1979. E confessavam-se em longas auto-interpretações dos seus próprios livros, como se não existissem mais leitores autorizados a falar deles. APT partilhava com Jorge de Sena a amizade própria dos expatriados, mesmo que em países diferentes. Sentiam o mesmo rancor e o mesmo amor por Portugal por aquilo que representava nas suas vidas. Rancor e amor no mesmo sentimento é fundamental para compreender a obra de escritores nessa condição de eternos expatriados. Cada carta de Sena é um ensaio literário e de vida, com dezenas de páginas dactilografadas. Todas as citações seguintes, de Sena e de outros escritores, são de cartas inéditas, só consultáveis no espólio da BN.

Numa singular carta-ensaio de 21-5-1972, Sena relata não só as suas aventuras académicas por universidades americanas, falando de Camões para “numerosa gente que não sabe português nem a correlata literatura, mas foi atraída pela ocasião camoniana” (a propósito do Simpósio Americano de Camões, em Nova Iorque), mas também fazendo verdadeira crítica literária sem pudores de linguagem, quanto uma carta íntima a outro despudorado o permite; por exemplo, quando menciona o artigo que escreveu sobre Camões para a *Enciclopédia Britânica* e destrói a credibilidade internacional de uma eminência de Coimbra como Álvaro da Costa Pimpão (1902-1984), dizendo que o artigo que Pimpão havia escrito não estava adequado a públicos estrangeiros, porque fora escrito “em total ignorância de como apresentar Camões no estrangeiro e sobretudo em língua inglesa”. Também antecipa os problemas pessoais que virão para si próprio quando publicar o seu novo livro de poemas [*Exorcismos*, 1972], o que seria “acrescentado do escândalo do novo livro sobre *Os Lusíadas* [*A estrutura de “Os Lusíadas” e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI*, 1970].

Escritores como Jorge de Sena e APT viviam numa aflição constante com a recepção das suas obras. Nessa carta, auto-relê desapaixonadamente o seu primeiro livro de poesia [*Perseguição*, 1942] e discorre sem rodeios sobre o uso da ciência na poesia portuguesa. APT, que era bacharel em Ciências Físico-Químicas pela Universidade do Porto, para além da licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, escapa à facúndia única de Sena porque ele era “informado” ao contrário de alguns “cavalos lusitanos” que o detestavam por ter sido “engenheiro”. O “marxismo luso foi sempre o ser literário e mesmo a-filosófico, sem qualquer consciência científica” (carta de 21-5-1972).

Este “drama português” era partilhado por APT, porque sabia transpor para a sua obra, em particular a poética e a ensaística, a sua

enorme erudição científica. Ambos admiravam António Gedeão (Sena tinha sido seu aluno no Liceu Camões e refere-se-lhe a ele como um jovem professor que se “impôs ao respeito com o seu cândido fervor de comunicar ciência...”). Ambos criticavam os portugueses de Portugal que não entendiam que poetas soubessem trazer para a poesia a sua cultura científica – sempre neste registo de quem assumia que se colocara a uma distância segura da ignorância que julgavam dominar a sociedade literata da nação. E Sena explica longamente que por “culto”, ou seja, poeta culto que incorpora na sua poesia, como ambos faziam a par de Gedeão, cultura científica, “significa ‘esclarecido’, ‘informado’, ‘actualizado’, ‘consciente’, que são o oposto do analfabetismo dominante (...) se houvesse em Portugal o mínimo desafio cultural e científico, que não há” (carta de 21-5-1972).

Tudo isto é muito mais para chegarmos a *A Terra de Meu Pai*, livro de particular estima de APT por representar a memória dos anos em que viveu em São Tomé, porque o seu pai estava aí a residir temporariamente. Sena aconselha-o a publicar rapidamente (seria publicado com data de Abril de 1972, mas provavelmente sem que estivesse ainda nas mãos de Sena na data desta carta), desvalorizando a “crítica burra” portuguesa (“mas que importa ela?”), para que APT não tivesse receio de se revelar definitivamente em poesia, depois da estreia em 1950 com o *Novo Génesis*, *Quarteto para Instrumentos de Dor* (1950), *A Voz Recuperada* (1953) e *A Ilha do Desterro* (1968) (poesia).

A Terra de Meu Pai era um livro muito querido de APT, por isso quis saber a opinião de outros poetas em quem confiava. Sena desfez-se em elogios pela leitura do manuscrito, avisando-o que “Portugal” não o iria entender. APT lamentava constantemente a falta de leitores/compradores de poesia em Portugal. Dizia-me: “Bastava que os 10 mil poetas que há em Portugal comprassem livros de poesia e o mercado ficava sustentável para os poetas, mas só publicam e ninguém compra livros de ninguém!” Talvez por isso existisse uma cumplici-

dade única com outros poetas, no sentido de partilharem pensamentos e sentimentos que nenhum se atrevia a fazer de forma publicada.

Há uma recepção da obra de arte muito especial que merecia maior estudo: a recepção entre artistas do mesmo ofício. APT era muito sensível à opinião dos seus pares sobre os seus livros. E vice-versa. Há toda uma *paracrítica* literária por descobrir ainda entre os escritores portugueses da mesma geração. Por exemplo, era um conforto muito grande para APT saber que o seu grande amigo José Cardoso Pires, a quem reconhecia como um príncipe das letras portuguesas do seu tempo, gostara do seu romance *Espingardas e Música Clássica* (1987):

... gostei muito. Palavra. Muito. Considero *Espingardas e Música Clássica* o seu melhor livro de prosa e um dos melhores romances portugueses dos últimos anos. E esta? Como é que você pode aceitar uma verdade assim, se está escrito que o que por cá se faz é declarada e indiscutivelmente de segunda?

(carta não datada, provavelmente de 1987)

Jorge de Sena e APT pertencem àquele grupo restrito de académicos-escretores-exilados, que nunca cumpriram as agruras dos graus académicos (nem mestrado nem doutoramento fizeram), mas chegaram ao topo da carreira universitária por mérito da sua escrita. David Mourão-Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues e Mário Dionísio, todos antigos professores-escretores da Faculdade de Letras de Lisboa, eram da mesma estirpe académica-literária e APT admirava-os também por isso mesmo. Nunca foi fácil ter uma carreira académica e desempenhar a função de ensaísta e de escritor ao mesmo tempo. São ritmos e mundos com regras tão diferentes que exigem de quem vive em todas essas dimensões uma capacidade única de adaptação e constante defesa da posição em que se coloca. Às vezes, o

académico cedia ao escritor, mas poucas vezes o contrário acontecia, porque ainda assim o escritor tinha uma liberdade de expressão que não se podia aprisionar em burocracias ou regulamentos académicos. No final da vida de cada um, há um extraordinário equilíbrio entre todos os papéis que cumpriram e disso tinham consciência e disso se orgulhavam, se bem consigo ler esta condição, que não me é totalmente estranha.

APT chega a Cardiff pela mão protectora de Stephen Reckert em 1967. Mas é a carta de recomendação de Vitorino Magalhães Godinho que foi decisiva para que o então Department of Hispanic Studies, University College, Cardiff, contratasse APT, em 1968, como “lecturer” e aí entrasse na academia em definitivo até ao final da sua carreira, apenas pelo seu mérito de escritor e ensaísta:

Alexandre Pinheiro Torres, que essa Universidade pretende nomear ‘lecturer’ a título permanente, é uma das personalidades que mais se têm afirmado na crítica literária e de ideias em Portugal nestes últimos anos. Ao corrente dos grandes movimentos culturais do nosso tempo, conhece intimamente a literatura portuguesa actual, de que tem sido um dos mais penetrantes apreciadores, bem como toda a literatura portuguesa e brasileira na sua evolução histórica, no que apresenta de fundamental. Às sólidas qualidades de trabalho alia uma aguda penetração crítica, com o discernimento que lhe dá a sua preparação de cultura geral. Acresce o seu amor pelos problemas da cultura e da sua transmissão, pelos debates de ideias, pela elucidação das opções basilares que ao homem se põem. (3-2-1968)

Este é um bom retrato de APT, cujo mérito tinha acabado de ser negado por Salazar. É bem conhecido o episódio de 1965, quando foi convidado pela Sociedade Portuguesa de Escritores para fazer parte do júri do Grande Prémio de Ficção. Ao atribuir o prémio da SPE à

obra *Luuanda* de Luandino Vieira, quando este estava preso no Tarrafal em Cabo Verde, pela prática de crimes políticos, pagou com o exílio o atrevimento, pois foi proibido pelo regime salazarista de ensinar em Portugal e a sua mulher expulsa da TAP, onde trabalhava. Chegou a confessar-me que aquele prémio seria, provavelmente, a mais bela coisa que fez na sua vida.

Como tantos outros escritores, sem o confessar, gostava que este reconhecimento dos seus pares se traduzisse em reconhecimento público, por exemplo através de um prémio literário. Ganhou o prémio da Associação Portuguesa de Escritores: Prémio de Ensaio Jorge de Sena (1979), Prémio de Ensaio Ruy Belo (1983) e Prémio da Poesia (1983), pelo volume de poemas *A Flor Evaporada*. Mas não ganhou nenhum prémio pelos seus romances e isso causava-lhe uma tristeza nunca confessada publicamente. Julgo que foi por isso que me pediu que lesse e fizesse estudos sobre os seus romances, o que fui fazendo, mas sem qualquer retorno de leitores, como ele bem antecipava, porque se julgava sempre escritor maldito em Portugal. Por isso prezava tanto a opinião sincera, mesmo que às vezes dura, dos seus escritores amigos.

José Cardoso Pires era uma referência maior para APT. Uma primeira opinião elogiosa sobre o romance *A Nau de Quixibá* (1977), reconhecido como o “melhor” até então, teve o sabor de um prémio, porque tinham ficado algumas reservas em romances anteriores por onde podia ir a arte do romance de APT:

A Nau de Quixibá levou-me duas leituras complementares: uma descontráida, de leitor comum, a outra de trabalho. Ambas com prazer. Vencido o péssimo título (estou à vontade porque, pela primeira vez, tenho um livro pronto e só lhe arranjei até agora títulos maus...), vencido, dizia, esse prenúncio infeliz, encontrei um livro pessoalíssimo e descontráido como não se apanha entre nós. (Carta de 24-5-1977)

Os escritores encontram sempre nos seus pares, ou em alguns dos seus pares, uma palavra de conforto de um leitor amigo que não tem preço, sobretudo quando se vive no silêncio ou na solidão distante, como no caso de Mia Couto, que agradece o envio de *Espingardas e Música Clássica*, sobretudo num lugar longínquo:

Muito obrigado pelo seu livro e pela tão simpática dedicatória. Não imagina como são importantes estes sinais de fraternidade e encorajamento que nos chegam de longe. Nós em Moçambique estamos um pouco condenados à solidão, sugados para o sul do Mundo, cercados por anglofonia. (...) Estou a deliciar-me com o Simão Botelho, o Tadeu, D. Baltazar e outros personagens do seu livro delicioso. (...) (Carta de 1-11-1987)

Este tipo de “fraternidade e encorajamento” é a moeda de troca sentimental entre escritores, preciosamente guardada como uma recompensa, muitas vezes a única recebida com valor.

Está no mesmo patamar a amizade e admiração recíproca com Eduardo Lourenço, não só pelo percurso académico semelhante desde os tempos de Coimbra, mas também por terem uma visão de Portugal visto sempre a distância. Em carta de 1993, em “dia de Reis”, escreve Eduardo Lourenço:

Já tinha gostado imenso da *Nau*, das *Espingardas e Música Clássica*, e agora ainda mais deste indescritível *Adeus às Virgens*, com o Portugal de ontem visto como se fosse hoje, recriado com todas as distâncias, a do tempo e desse outro espaço onde os deuses em boa hora o conduziram.

Há também a registar uma ideia comum entre académicos portugueses que se dedicam ao ensaísmo, arte em que APT era mestre temido pela sua frontalidade, mas também por um rigor de análise cerrada que muito deve à escola britânica do *close reading*, que vinha

do académico de Cambridge que ele muito admirava e me ensinou a admirar: I. A. Richards. A ideia de objectividade no ensaio era cara a APT e poucos em Portugal podiam compreender isso.

Compreendeu-o Mário Dionísio, quando lhe escreve:

Tenho acompanhado sempre a sua actividade, pelo menos a crítica, apesar de se ter esquecido de enviar-me (aqui fica o puxão de orelhas) *O Neo-Realismo Literário Português e a Vida e Obra de José Gomes Ferreira*. E isto tem-me dado o prazer de verificar quanto o seu ensaísmo, sem nada perder da vivacidade que o caracteriza, se tem tornado cada vez menos exaltado e cada vez mais documentado e reflectido. Não sei se isto – este tem – lhe parece desagradavelmente paternalista’, coisa de que hoje se foge como o diabo da cruz. Mas é o que de facto sinto. (...) Vê-se através dele [o livro *Vida e Obra de José Gomes Ferreira*] que os ares britânicos e as condições de trabalho que proporcionam devem ajudar muito a dominar este clima de improvisação, ausência de perspectiva, confronto apressado que a buliçosa Lisboa (ou Porto, etc.) infiltra nos que tiveram em sorte nascer, arrastar-se e morrer neste pobre paísinho que não sabe ainda bem do que é feito, como e para onde vai e no qual se pretende liquidar à machadada tudo o que aparece novo ou se lhe dedicam missas solenes muito mais tarde, quando se julga que o rebento turbulento está liquidado de vez. (carta de 21-3-1978)

E também Jacinto do Prado Coelho compreendia e admirava o ensaísmo de APT, lamentando apenas que os textos que submetia à publicação na *Colóquio*, de que era director, fossem muito longos:

Pena é, realmente, que o seu artigo seja tão longo, infringindo as regras que implacavelmente, há 5 anos, vimos impondo a todos os colaboradores. (...) Que não contribuam estas palavras para afrouxar os seus projectos de novas colaborações; desejo muito que o seu nome *se repita*, e tentarei sempre dar um jeito... (carta de 14-12-1975)

A correspondência entre escritores e em especial entre poetas é uma arte a que só os íntimos desses escritores podem aceder. Descobrimos sempre verdadeiras artes poéticas que em outro lado não encontraríamos. Julgo que poucos hoje praticam esta arte e os nossos jovens leitores literários desconhecem por completo este tipo de interação. Os escritores da geração de APT, sobretudo antes de 1974, comunicavam entre si para mitigar distâncias geográficas que quase sempre implicavam distâncias emocionais, como neste testemunho de José Gomes Ferreira:

Isto por cá está tudo cada vez pior. Nas literaturas, claro. (Quanto ao resto, é outra história cada vez mais complicada e simples...) Os resistentes líteras não passam de meia dúzia (os outros passaram-se todos mais ou menos disfarçadamente...) e você faz parte em espírito dessa meia dúzia, sempre aqui sentado a nosso lado no Monte Carlo. Perseguem-no – acredite – porque Você é um dos nossos... e mais nada. (Carta de 15-5-1972)

Vivendo em Cardiff, APT bebia estas palavras como o conforto possível por não poder estar no seu País, por não poder estar entre os seus pares de escrita e viver cada momento da história. Esse “espírito” era essencial na sua vida empurrada para o estrangeiro.

Alexandre O’Neill foi um dos grandes amigos de APT e, como em tantos outros casos, acabaram zangados. APT contou-me todas as amizades que teve com escritores seus contemporâneos e eram tantas as histórias de zangas que não consegui memorizá-las todas. Com O’Neill, a zanga foi dolorosa, porque ambos partilharam uma parte da vida em comum, com cumplicidades que iam desde as muitas conquistas amorosas, sobretudo de O’Neill, até à inspiração para escrever mais poesia. Numa carta de 26-2-1952, O’Neill escreve:

Eu ando amargurado e triste como um cão. Até sonetos já fiz, calcula tu!... Parei, quase no final, o tal longo poema e não sinto, por enquanto, forças para o concluir. Tenho que resolver, primeiro, a vida, para resolver a poesia, depois. Não sei fazer poesia com ausências ardentes. Não tenho grande jeito para evocar melancolicamente o passado. Não sou poeta lírico, no sentido comum. Enfim, espero melhores dias.

Esta pequena arte poética confessada quase em segredo ajuda o leitor a compreender o drama íntimo de um poeta, que é um tipo de pessoa muito especial, hipersensível quase por definição, no diálogo com outros poetas.

Os escritores são dados a zangas, mas com a particularidade de serem quase todas interessantes para a história literária e de quase todas podermos extrair um ensinamento. APT teve muitas, parecia estar sempre a brigar com alguém como se fosse um desporto que todos praticavam com mais ou menos originalidade. Por exemplo, recordo a pega com E. M. de Melo e Castro por causa das suas poesias visuais. Costumo fazer este exercício com os meus alunos de literatura, pedindo que identifiquem os traços literários do seguinte “texto”:

1 4 3 4 2
2 3 3 0 6
4 1 6 1 2
3 2 2 1 6

5 0 0 1 8
2 1 2 5 4
1 4 0 1 8
3 2 4 1 4

3 1 2 3 5
5 4 1 2 2
3 0 4 2 5

4 3 3 1 3
5 1 2 1 5
8 9 3 5 3

Só com muita criatividade podemos identificar esses “traços” de literariedade. Deixo-lhes depois uma pista: cada linha soma 14 e a última soma 28. Também não dá o resultado esperado e de literariedade não há vislumbre. Identifico finalmente o título do “texto” e o seu autor:

E. M. de Melo e Castro, “Soneto Soma 14X”,
do livro *Polígonia do Soneto*, 1963.

Tem a particularidade de terminar com chave de ouro, pois 28 é o dobro de 14. Logo vale mais do que todos os outros! Esta explicação não teria o mesmo efeito pedagógico se não contasse a anedota real: quando APT leu o “soneto” pela primeira vez disse a Melo e Castro de viva-voz: “Ó Eugénio, se isto é um soneto as páginas amarelas são um poema épico!”. E ficaram sem se falar o resto da vida.

Nem sempre reagia assim, sem medir idiosincrasias. Um dia, à porta de uma sessão de lançamento de um livro na Sociedade Portuguesa de Autores, estava a seu lado quando apareceu David Mourão-Ferreira, com a sua habitual nobreza como se fosse um retrato vivo da literatura, sempre de cachimbo na boca. APT apressou-se a cumprimentá-lo e disse-lhe logo de rajada: “Caramba, meu amigo, que grande soneto publicou na *Colóquio[-Letras]*, já ninguém é capaz de escrever sonetos assim!”, o que deixou, naturalmente, o poeta fumador de cachimbo deslumbrado. E ficaram a falar da arte do soneto, como se fosse a respiração de ambos.

A troca de mensagens entre escritores traz sempre surpresas para quem não os conhecer pessoalmente. No caso de APT, havia uma liberdade única de expressão, uma espécie de código privado em que se entendiam bem pela escrita epistolar. É um tempo irrepetível, pois hoje já se perdeu essa forma de comunicação e a escrita digital veio anular o grau de intimidade que existe nessa escrita já “antiga”.

Batista-Bastos foi um dos grandes amigos de APT e divertiam-se imenso na arte da maledicência, o que lhes permitia uma forma de tratamento mútuo sem reservas: em carta de 7 de Julho de 1980 (?), interpela o amigo desta forma:

Alexandre, Amigo, o BB está contigo: // E tu, como vais? Longa distância, longa ausência de palavras; enfim, um sacana, é o tu que és... Em Angola, onde estive recentemente, tudo a falar de ti; no quadrilátero intelectualóide onde a gajada se move, tudo a falar de ti; porra, que é de mais. (...).

Para terminar, a polémica mais publicitada da vida de APT: a refrega com Vergílio Ferreira, que ainda tem muito que contar. A história conhecida é a mais fácil de reportar: em 1963, a publicação do romance de estreia de Almeida Faria, *Rumor Branco*, deu origem à polémica que se reproduziu no então muito influente *Jornal de Letras e Artes*. No seu artigo “O *Rumor Branco* de Almeida Faria”, publicado a 2 de Fevereiro de 1963, APT reconhece o talento do jovem escritor, mas critica a sua opção estética, que considera ser uma derivação do existencialismo, argumentando que o romance é “uma obra de puro lirismo existencialista”, que se limita a “reproduzir, com mais ou menos elegância, as inquietações e os dramas do indivíduo contemporâneo”. Vergílio Ferreira, que tinha prefaciado *Rumor Branco*, replicou em artigo publicado a 9 de Fevereiro de 1963, defendendo que a obra de Almeida Faria não é uma obra de lirismo existencialista, mas sim uma obra de “profundíssima análise psicológica”. A polémica prolongou-se por mais dois artigos, e sem uma conclusão definitiva. No entanto, ela teve o mérito de colocar em discussão questões importantes sobre a literatura portuguesa da época, nomeadamente a relação entre literatura e existencialismo.

Um dia, APT pediu-me para ler *Rumor Branco* e dizer-lhe, com sinceridade, quem tivera razão. Colocou-me numa situação sem saída, pois sabia desde logo, antes mesmo de ler o romance, por quem estava obrigado a alinhar. Li e concluí, sem surpresa, pelo ponto de vista de APT, que a “razão” estava do seu lado, pois havia há muito quem, na literatura inglesa, já havia experimentado aquela técnica de escrita, desde os vitorianos a Joyce, e não havia ali nada de novo verdadeiramente, a não ser um esboço razoavelmente bem feito de uma novela neo-realista por um jovem de 19 anos. O meu mestre regozijou com a minha sentença, aliviando-me de mais constrangimentos morais.

Mais tarde, Vergílio Ferreira e APT fizeram as pazes no *Jornal de Letras e Artes* em 1971, oito anos após o início da polémica, com um artigo intitulado “O lirismo existencialista”, onde revê a sua crítica de *Rumor Branco*, reconhecendo que o romance de Almeida Faria era uma obra original e inovadora. Vergílio Ferreira respondeu num artigo publicado a 26 de Janeiro de 1971, agradecendo a APT por ter revisto a sua crítica, e afirma que a polémica de 1963 foi “um momento importante” na sua vida. O que não é público é o ressentimento de APT: em 1996, ano do falecimento de Vergílio Ferreira, foi publicado um artigo intitulado “Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres: Uma amizade improvável” por Teresa Rita Lopes, que revisita a relação entre os dois escritores, destacando a importância da polémica de 1963 para a literatura portuguesa e a importância da reconciliação de 1971 para a amizade entre os dois escritores. O que nem Teresa Rita Lopes nem o público sabe é que APT nunca assumiu essa “amizade” literária. Sei disso porque me disse isso em privado e as palavras exactas, *terríveis* como sempre o que vinha do *Terrível* Torres em acção, aí ficarão para sempre, na nossa privacidade, para não ferir mais sensibilidades desnecessárias. O que deve contar é o desportivismo de APT, quando Vergílio Ferreira venceu o Prémio Europália em 1991. Escreveu-lhe assim:

Só para lhe dizer, mau grado o que nas nossas relações tem havido de vacilante, que foi com grande satisfação, totalmente despida de inveja (o que não será o caso de muita gente chiadesca), porque eu não tenho obra que me alimente de quaisquer ilusões, que soube do Prémio Euro-pália que acaba de lhe ser atribuído. Deixe-me usar um lugar-comum, insubstituível (o Acácio nem sempre é ridículo): o galardão honra-o mas também honra todos os portugueses. (Carta de 28-5-1991)

Curiosa é a fórmula de despedida: “Alexandre Pinheiro Torres (ex-“terrível” Torres)”, como se quisesse enterrar de vez a alcunha maldita que tantas brigas lhe valeu. Não era por essa alcunha que queria ser reconhecido.

Diz-se, com propriedade do que se conhece das intervenções públicas de Almeida Faria, que o autor de *Rumor Branco* ficou de fora da polémica. Na verdade, ficou de fora *publicamente*, porque sempre se correspondeu amigavelmente com os seus críticos-alfa, e até se demarcou do elogio de Vergílio Ferreira, por exemplo, quando em 1992 tentou intermediar um debate público a organizar pela Caminho, “quase 30 anos depois do *Rumor Branco*”, e escreveu a APT, em carta de 10-1-1992: o “(...) *Letras e Letras* do Porto, que está a organizar um dossier sobre os meus livros e onde aparecerá justamente uma página do Vergílio de que lhe envio fotocópia. Como vê, ele não perdoa a minha atitude crítica em relação ao R.B.”.

Nesse mesmo mês de Janeiro de 1992, Vergílio Ferreira faz o seguinte balanço, tentando fazer as pazes com APT:

Apertemos as mãos sobre esta memorável refrega em que nos bate-mos galhardamente, e firmemos a nossa ‘paz dos bravos’. E enquanto mantemos longamente as mãos apertadas, como os políticos, para os fotógrafos baterem as suas chapas, eu aproveito para lhe ir dizendo já coisas. E a primeira é a propósito de V. revelar agora que toda aquela

sarrabulhada tinha na retaguarda um motivo político. Grande palavra a sua. Era isso. A história do neo-realismo era uma brincadeira – olha agora a gente a esgadanhar-se por causa de uma metáfora a mais ou a menos. Era a política, esse estupor. (...) Claro que V. não queria nada outra Pide para melhorar a que havia. Nem uma Censura mais jovem para substituir a outra de dentes cariados. Mas foi o calor da cabeça que o tramou. Acontece a muita gente, não pense mais nisso. Mas os fotógrafos já acabaram de bater as suas chapas. Desapertemos pois as mãos. E vamos lá para dentro cavaquear o resto. (Carta de 29-1-1992)

APT convenceu-se sempre de que nunca perdeu a razão em nenhuma refrega literária. Convenceu-se disso até morrer e, quem sabe, ainda andarà às turras lá pelos lados do Além com quem o afrontar em matéria literária.

Por todas estas razões literárias, para-literárias e contra-literárias, considero APT um professor completo, guardador de memórias de tantos escritores seus contemporâneos, no sentido em que nada deixou de experimentar: o lado criador, o lado do leitor/professor crítico, o lado do autor maldito, o lado do escritor/professor expatriado, o lado do escritor incompreendido, o lado do escritor fiel do seu amigo escritor e o lado do escritor inimigo do seu inimigo escritor. Não temos muitos escritores de língua portuguesa que se possam orgulhar de tanta vida vivida pela literatura e sempre por uma crença superior na literatura.

REFERÊNCIAS

- Faria, Almeida (1962). *Rumor Branco*. Lisboa: Portugália Editora.
- Melo e Castro, E. M (1963). *Poligonia do Soneto*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Pinheiro Torres, Alexandre (1950). *Novo Génesis*. Coimbra: Coimbra Editora.

- (1950). *Quarteto para Instrumentos de Dor*. Coimbra: Coimbra Editora.
- (1953). *A Voz Recuperada*. Coimbra: Coimbra Editora.
- (1968). *A Ilha do Desterro*. Lisboa: Portugália.
- (1972). *A Terra de Meu Pai*. Lisboa: Arcádia.
- (1980). *O Código Científico-Cosmogónico-Metafísico de Perseguição [1942] de Jorge de Sena*. Lisboa: Moraes Editores.
- (1984). *A Flor Evaporada*. Lisboa: Edições Cadernos de Poesia.
- (1987). *Espingardas e Música Clássica*. Lisboa: Caminho.
- Sena, Jorge de (1942). *Perseguição*. Lisboa: Edições Cadernos de Poesia.
- (1972). *Exorcismos*. Lisboa: Moraes Editores.
- (1970). *A Estrutura de “Os Lusíadas” e Outros Estudos Camonianos e de Poesia Peninsular do Século XVI*. Lisboa: Portugália Editora.